

ESALQ- LES-380- Agricultura Familiar, desenvolvimento rural e multifuncionalidade da agricultura.

Luciano Lombardi e Juliano Scarpelin

Com contribuições dos grupos e do professor

O economista e engenheiro agrônomo Alexander Chayanov, nascido em 1888, destacou-se na antiga URSS por suas obras sobre sociologia rural, precisamente, ao estudar a estrutura da agricultura familiar, considerando os avanços tecnológicos, possíveis à época, que poderiam ser absorvidas por tal estrutura de trabalho. As reflexões de Chayanov, apresentadas por Maria Wanderley, são organizadas em três níveis: (1) A formulação de uma teoria explicativa do modo de funcionamento das unidades familiares de produção na agricultura; (2) O esforço de compreender o campesinato, em seu contexto mais global da sociedade capitalista moderna; (3): O confronto com o projeto de coletivização estalinista e a formulação de um projeto alternativo.

Quanto às especificidades da organização familiar, Chayanov diferencia a agricultura familiar da exploração capitalista através de seus princípios gerais de funcionamento interno. Enquanto no caso da exploração **capitalista**, existe extração e apropriação do trabalho alheio (*mais valia*), com dissociação entre trabalho e gestão na unidade de produção, no caso da exploração **familiar**, o trabalho do processo de produção é do próprio proprietário dos meios de produção e de sua família (ausência de *mais valia*). Seu patrimônio produtivo refere-se ao conjunto de meios necessários à produção. Destaca-se que nesta lógica de produção o rendimento resultante da produção é indivisível, provendo tanto os meios para produzir quanto as necessidades da família. Na produção familiar, o produtor ou produtora definem suas estratégias a partir de um **balanço** entre **trabalho e consumo** (esforço exigido / grau de satisfação familiar). Além da diferenciação no processo de tomada de decisão, a produção familiar possui caráter mutável de composição da força de trabalho ao longo do tempo:

casal > casal e filhos (consumidores) > casal e filhos (produtores) > casal

Portanto, há uma flutuação da força de trabalho disponível ao longo do tempo em razão das diferentes fases da vida.

Desse modo são as diferentes “etapas da composição familiar” que determinam a **capacidade da força de trabalho** e a **dimensão das necessidades de consumo**. Esses fatores definem, em **grau e intensidade**, a *auto-exploração* da força de trabalho do “chefe” e da família. As reflexões de Chayanov não são estáticas e novos fatores são agregados em sua leitura do funcionamento da unidade de produção familiar: (I) A agricultura não constitui um setor isolado, autônomo, mas se integra de forma dinâmica ao processo global de acumulação do capital; (II) A agricultura deverá absorver cada vez mais o progresso técnico e modernizar sua forma de produzir; (III) As transformações do setor agrícola se inserem no objetivo de construção de uma sociedade socialista.

Quanto à subordinação dos agricultores e suas relações com o progresso técnico, Chayanov afirma que a produção agrícola familiar reage à influência de fatores externos, naturais e econômicos, aceitos como dados. Esses fatores “aceitos” são denominados como “ligaduras sociais”. Sob a influência desses fatores, Chayanov afirma que a **agricultura**, de todo o mundo, é **conduzida** para a circulação geral da economia mundial e se torna **subordinada** à lógica do capitalismo.

Sua subordinação é expressa na explicação sobre a **integração vertical**. Apesar de dispersa e independente, a agricultura se integra no sistema econômico capitalista caracterizado pela concentração em poucas grandes empresas sob a dinâmica do capitalismo financeiro.

Chayanov aponta que a **concentração vertical na agricultura**, no capitalismo, é mais expressiva do que a concentração horizontal, pois há uma **transferência** ao agricultor de grande parte dos riscos da empresa integradora. Portanto, é muito interessante para a grande empresa promover a integração de agricultores enquanto fornecedores da matéria-prima necessária ao empreendimento. Esta concentração se apóia na dispersão e “independência” das unidades de produção subordinadas ao capital. Portanto, o desenvolvimento do capital implica, para além da modernização de latifúndios, a **sujeição** da atividade agrícola de inúmeros agricultores familiares ao capital.

Por outro lado, Chayanov considera a existência de cooperativas como uma resposta dos pequenos produtores às condições capitalistas. Essa resposta se expressa como artifício para sobrevivência e não, conscientemente, como nova estrutura social. Chayanov propõe a substituição da produção camponesa dispersa pela concentração de produção graças às cooperativas. Em sua perspectiva, as cooperativas poderiam se tornar uma base sólida para edificar um futuro sistema econômico socialista.

A proposta de Chayanov se baseia na preservação da **herança camponesa** através da **autocoletivização**. Ou seja, as estruturas de cooperação desenvolvidas pelo campesinato, antes como **ferramenta de sobrevivência**, poderiam se tornar uma fundação importante do **modo de produção socialista**.

A propósito, convém explicitar as diferenças entre autocoletivização e coletivização forçada. Maria Nazareth Wanderley explica que Chayanov era contrário à coletivização forçada como realizada pelo governo da URSS com o objetivo de implantação do sistema socialista. A autora então menciona que a concepção de Chayanov de cooperação, longe de se contrapor, se insere no projeto mais amplo de construção do socialismo. Nesta ótica, Chayanov propõe um processo de autocoletivização, cuja diferença em relação à coletivização forçada consiste sobretudo no propósito de preservação da herança camponesa, sem pressão exterior, como uma via pertinente de desenvolvimento da agricultura.

Quanto à modernização da agricultura familiar, Wanderly considera que o pensamento de Chayanov pode ser muito útil para a análise do funcionamento interno da unidade de

produção familiar, que assume novos conteúdos na atualidade em termos da auto-exploração, da natureza indivisível da remuneração familiar e da relação trabalho/consumo.

Em conclusão, a importância das pesquisas sobre a agricultura familiar reside em sua representatividade no território brasileiro. A autora aponta para três direções das transformações da agricultura, que não devem ser ignoradas na leitura atual: (1) Superação do desperdício e ineficiência da produção agrícola e sua relação com os recursos naturais; (2) Acesso à população, urbana e rural, aos bens materiais e culturais do “mundo moderno”; (3) Necessidade do estabelecimento, efetivo, da cidadania à população rural. Nesta linha, é importante destacar que a atualidade de Chayanov se reflete na capacidade de resiliência do pequeno agricultor frente às exigências do capital e de um mundo em constante transformação. Nas sociedades contemporâneas, o grande desafio talvez seja apontar caminhos que possibilitem compatibilizar o progresso técnico com o aproveitamento da energia e da iniciativa social que repousa nos indivíduos e famílias, daí o papel crucial de revisitar suas ideias emergidas no contexto de mudanças sociais da Rússia do início do século XX para compreender os modos de organização do campesinato. No Brasil, o campesinato se reproduziu historicamente no interior dos latifúndios. Sua conceituação leva hoje em conta sua diferenciação em relação à agricultura familiar, aquela profundamente inserida nos mercados, com sua lógica de funcionamento reestruturada por valores da economia capitalista, muitas vezes desconsiderando as práticas e saberes locais do pequeno agricultor em favor da artificialização da produção.